



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA SALA DE AULA DE LINGUA
ESTRANGEIRA E A ESCOLA INCLUSIVA**

Goiânia
2009

Maria Cristina Faria D. Ferreira – Lingüística Aplicada
Ensino e Aprendizagem de Línguas; Educação Inclusiva; Práticas Pedagógicas

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

O Plano Nacional de Educação – Educação Especial – (Lei 10.172/01) regulamenta sobre os direitos dos portadores de necessidades especiais, previstos na Constituição Federal (1988), de acesso preferencialmente à escola regular. Este e outros documentos oficiais apontam para os benefícios da nova modalidade escolar e trazem à tona questões antes discutidas apenas no âmbito mais restrito da escola especial. É inegável a importância desta escola para a socialização do aluno especial e para seu desenvolvimento como cidadão que tem respeitado e garantido seus direitos. No entanto, sabe-se das grandes dificuldades em se lidar, no dia-a-dia, com esta nova realidade.

Inúmeros estudos sobre as variadas faces da proposta de uma escola capaz de incluir aqueles até então considerados excluídos, tomando a palavra ‘excluídos’ em seus múltiplos sentidos, estão sendo realizados por profissionais da educação, pedagogos, em especial. No entanto, pesquisas que tratam do papel da linguagem e, mais especificamente, do ensino da língua estrangeira na sala de aula da escola inclusiva são poucas, se considerarmos a abrangência da temática. Seria ainda difícil dizer que temos um perfil mais detalhado desta nova realidade com base nestas investigações.

Se tomarmos, por exemplo, a escola inclusiva no que concerne o ensino de língua inglesa, teremos ainda menos dados para fazer qualquer tipo de diagnóstico de como esta questão tem sido tratada sob esta nova perspectiva educacional. Estas dificuldades estão expressas em estudos realizados, por exemplo, por Silva (2005) que relata a experiência do aluno com deficiência auditiva aprendendo inglês. Em sua maioria, haja vista a tradição de pesquisas na área de surdez e libras dentro da Lingüística Aplicada, podemos observar que são estudos ainda muito pontuais, que, por focarem apenas um tipo de necessidade do aluno, no caso a surdez, não conseguem abarcar e, por conseguinte, revelar a dimensão desta nova realidade. Sabemos que as necessidades são diversas e cada uma delas requer uma forma diferenciada de lidar com os seus portadores.

Trata-se de um novo momento que vivenciamos, um novo caminho que experimentamos de forma ainda um pouco incerta, tateantes, como se ainda o estivéssemos conhecendo, na esperança de que teremos resultados gratificantes. Mas, até que estes frutos possam ser colhidos, há muito ainda a ser feito, principalmente por parte daqueles que se intitulam formadores de professores. Faço tal afirmação por

experiência própria, quando ingressei, há 16 anos, como professora na Faculdade de Letras da UFG. Logo que comecei a lecionar no curso de graduação em Letras, deparei-me com uma aluna deficiente visual em uma turma de língua inglesa. A falta de infraestrutura por parte da instituição e nenhuma experiência da minha parte para lidar com aquela situação resultaram em tomadas de decisão improvisadas e um aproveitamento por parte da aluna bem aquém do que poderíamos esperar, caso estivéssemos preparados para receber alunos especiais. Em um outro momento, como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da mesma Faculdade, enfrentei novamente uma situação para a qual a instituição não tinha preparo para atender. Por termos inscrita uma candidata deficiente visual, foi preciso adequar as avaliações de forma emergencial para que ela pudesse participar do processo seletivo.

Estas duas situações me marcaram sobremaneira, pois acredito que a acessibilidade deve ser garantida a todos que atendam os quesitos para ingressar na universidade e concluir com sucesso o curso escolhido.

Desenvolvo um trabalho há algum tempo sobre as práticas pedagógicas na sala de aula de LE como parte de um projeto maior realizado com outras duas professoras da UFG e que esta integrado ao projeto coordenado pela Profa. Dra. Vera Menezes na UFMG. Este projeto em andamento envolve a participação direta de bolsistas de iniciação científica e orientandos de mestrado e doutorado. Para a proposta que apresentamos neste momento, decidimos, num primeiro momento, seguir os mesmos princípios teóricos e metodológicos já adotados na corrente pesquisa. Certamente, o contato direto com os dados *in loco* deverão nos apontar outros referenciais teóricos, com vistas a abranger esta nova realidade de modo a conhecer as necessidades dos alunos especiais.

Assim, no âmbito desta pesquisa, pretendemos identificar, refletir e discutir sobre as práticas pedagógicas que norteiam as ações do professor na sala de aula de LE da escola inclusiva, tendo como foco de nossos questionamentos as escolhas destes professores em se tratando de currículo, programa de curso, abordagens de ensino, material didático, concepções sobre o que seja aprender e ensinar uma língua, estratégias de aprendizagem, estratégias de ensino, interação em sala de aula, participação dos aprendizes, e outros fatores que possam influenciar este processo, por exemplo, crenças, fatores afetivos, ansiedade, auto-estima, dentre outros. Consideramos que estas escolhas sofrem influências de fatores que atuam tanto no nível micro como também no nível macro. São fatores que atuam desde o âmbito individual até o social.

Precisamos nos preparar para lidar com esta questão a fim de oferecermos aos nossos discentes formação adequada para lidar com a escola inclusiva quando ingressarem no mercado de trabalho. Desta forma, diante da proposta de uma escola inclusiva, queremos compartilhar com nossos alunos e futuros professores esta nova realidade. A esta altura, não nos resta senão a opção de irmos a campo e tentarmos, a partir do que encontrarmos em termos de ação destes docentes e desempenho destes alunos, conhecer e analisar este novo contexto não para avaliar ou propor receituários, mas para entendermos as nuances desta nova escola e, quem sabe, sabermos lidar melhor com as diferenças.

Assim como no projeto já em adamento, esta proposta tem por base a teoria sócio-cultural (Vygotsky, 1962; Feuerstein et al., 1991), que parte da premissa de que o indivíduo afeta a realidade à sua volta, que sofre mudanças e que, por sua vez, o influencia. Essa perspectiva propõe que tal mudança se dá por meio de instrumentos criados sob condições históricas e culturais específicas como, por exemplo, a linguagem. Esses instrumentos funcionam como mediadores entre o indivíduo e o objeto e são moldados pelos motivos deste indivíduo para atingir um objetivo, ou seja, “funcionam como um instrumento condutor da influência humana sobre o objeto da atividade” (Lantolf e Appel, 1994, p. 7). Ainda dentro dessa perspectiva, “as ações humanas referem-se a práticas sociais, das quais fazem parte” (Scharge, 1986; citado em Lantolf e Appel, 1994, p. 17)

De acordo com o modelo sócio-construtivista proposto por Williams e Burden (1997, p. 43), o(s) contexto(s) o professor, o aprendiz e a tarefa desempenhada pelo aprendiz são fatores que estão sempre interagindo e influenciando uns aos outros. O aprendiz traz para a sala de aula seus valores e crenças (Johnson, 1995), suas diferenças individuais, seus sentimentos, que podem afetar suas percepções e, conseqüentemente, o modo como ele reage ao professor, ao meio e às atividades (Gumperz, 1981; Beebe, 1988).

O contexto em que ocorre a aprendizagem, e como é considerado neste estudo, inclui o contexto emocional, físico político, social, escolar e cultural (Holliday, 1994). Cada um desses contextos podem afetar outros contextos e também seus participantes. Qualquer mudança neste modelo pode também afetar as outras partes. Deve-se observar que todas essas partes devem ser objeto de estudo nas pesquisas sobre o ensino e aprendizagem de línguas que têm como objetivo a formação global do aprendiz.

O contexto de sala de aula, segundo o modelo sócio-construtivista, é um dos fatores que podem influenciar o processo de ensino/aprendizagem. Este processo de aprendizagem se dá através de interações sociais e ocorre nesse contexto específico.

Em particular para este estudo, adoto a perspectiva de Ellis e Roberts (1987) que propõem que a noção de contexto busca explicar porque os falantes de uma língua fazem suas escolhas do modo como são feitas. Os diferentes contextos em que as pessoas interagem são “constituídos por regras que podem limitar ou favorecer o desenvolvimento lingüístico do falante”. Assim, assume-se que a interação na sala de aula dá oportunidades para o desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendizes que, até certo ponto, podem fazer suas escolhas. Os diferentes aspectos do meio onde ocorre a aprendizagem, o que se conhece por ‘perspectivas ecológicas’, auxiliam a detectar as influências que podem afetar este meio. É fundamental que se considere então o meio como um todo para se buscar explicar como e porquê as pessoas aprendem” (Williams e Burden, 1997, p. 189-90).

Este contexto pode ser cultural e também pode ser o próprio sistema educacional, ou ainda o meio físico imediato da sala de aula onde ocorrem as interações pessoais (Holliday, 1994; Williams e Burden, 1997). O meio onde ocorre a aprendizagem é vivenciado pelo aprendiz durante seu processo de aprendizagem e pode ter componentes pessoais e sociais, já que é constituído a partir das experiências anteriores de cada aprendiz, de suas crenças e valores pessoais e compartilhados (Williams e Burden, 1997; Ellis e Roberts, 1987; Johnson, 1995). A sala de aula reflete o mundo lá fora, sendo influenciada por atitudes e expectativas, experiências anteriores em escolas, ‘status’ sócio econômico, preferências por determinados estilos de aprendizagem, e pelo papel do professor e dos alunos (Allwright e Bailey, 1991; Van Lier, 1988; Holliday, 1994; Johnson, 1995).

Naiman et al. (1995) também estabelece que as atividades de ensino, o meio ou contexto de sala de aula, e os fatores relacionados com o aprendiz estão entre os fatores que podem influenciar a utilização de estratégias de aprendizagem em sala de aula. Vários fatores podem afetar a natureza da interação em sala de aula e o processo de aprendizagem.

OBJETIVOS E METAS

Delinear um perfil da sala de aula de LE no ensino fundamental de Goiânia por meio de ações que visem identificar, refletir e discutir sobre as práticas pedagógicas que norteiam as ações do professor em sala de aula no que concerne à escola inclusiva. Deste modo, buscar-se-á investigar as práticas pedagógicas nas salas de aulas de LE, observando como os vários fatores que atuam sobre o contexto da escola inclusiva e seus participantes influenciam suas ações.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO

Para realizar esta investigação, serão adotados os princípios da pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico. Zaharlick e Green (1991, p. 3) observam que

a etnografia é mais do que um conjunto de métodos, técnicas de coleta de dados, procedimentos de análise ou descrição de narrativas. É uma abordagem sistemática, teoricamente orientada para o estudo da vida diária de um grupo social, e que envolve uma fase de planejamento, uma fase de descoberta e uma terceira fase de apresentação dos resultados.

Os dados provenientes do contexto de sala de aula investigados serão analisados de acordo com a perspectiva interpretativista (Johnstone, 2000). A pesquisa interpretativa em sala de aula traz à tona questões relativas aos acontecimentos e o que estes significam para os seus participantes. Citando Erickson (1996, p. 98), “o objeto da pesquisa social interpretativa é a ação e não o comportamento.” Para Erickson (1996, p. 130), a pesquisa interpretativa visa

identificar a realidade de diferenças individuais em aptidão e motivação para a aprendizagem, a realidade de diferenças culturais e seu significado micropolítico que varia de sala para sala, a realidade do papel da escola.

Para a realização da presente proposta serão investigadas, no período de abril a dezembro de 2008, salas de aula de ensino de língua inglesa de escolas do Ensino

Público Fundamental, segundo um critério de estratificação espacial com base no mapa urbano básico digital de Goiânia (MUBDG)¹.

Os instrumentos utilizados para a coleta serão os seguintes: gravações em áudio e vídeo, entrevistas, diários, notas de campo e questionários. A diversidade de técnicas utilizadas se deve à necessidade de triangulação dos dados para garantir validade ao estudo.

Após a fase de coleta, os dados serão transcritos durante o primeiro semestre de 2010. A análise de uma amostragem significativa destes dados será feita no segundo semestre de 2010, sendo os resultados apresentados até o final de 2013.

RESULTADOS E IMPACTOS ESPERADOS

Meus questionamentos relativos ao ensino de uma língua, mais especificamente, a língua inglesa, tiveram início quando do meu ingresso na universidade, como aluna de Letras da Universidade Católica de Goiás (UCG), quando dei início também à minha carreira profissional, no início, como professora em uma escola particular de ensino fundamental, depois em uma escola pública de níveis fundamental e médio. Também lecionei em cursos de línguas, particulares e públicos antes de ingressar como docente na Universidade Federal de Goiás (UFG), enquanto cursava especialização em inglês na UCG e, em seguida, mestrado em Inglês e Literaturas Correspondentes na Universidade Federal de São Carlos (UFSC). Durante todo este tempo, foi crescente meu interesse na área de ensino em língua estrangeira, independentemente dos contextos em que atuava profissionalmente. Depois de ingressar como docente de ensino superior e concluir o doutorado em Estudos Lingüísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), minhas inquietações se transformaram em trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFG nos últimos quatro anos, membro do Comitê de Avaliação de Área da CAPES pela terceira vez e como secretária da Diretoria da ANPOLL pude agregar um conhecimento sobre a área de meu interesse e ter uma visão bem mais ampla do *status quo* de minha área de atuação e partir para a proposta atual que ora esta sendo apresentada. Em outras palavras, toda esta trajetória, seja acadêmica, seja profissional, convergiu para o que proponho aqui. Tratar de ensino de LE

¹ - Este trabalho de amostragem contará com o apoio do Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento da Universidade Federal de Goiás (LAPIG / UFG – www.ufg.br/lapig)

atualmente no país, perpassa os caminhos das práticas pedagógicas que supostamente orientam os docentes em uma escola que ora se intitula inclusiva. Como formadora de futuros docentes e pesquisadores da área de ensino e aprendizagem de línguas, não vejo como não me ‘incomodar’, no sentido positivo e negativo da palavra, com esta realidade que se mostra à minha volta.

Desta forma, espero que os resultados deste estudo possam contribuir para uma maior compreensão do processo de ensino-aprendizagem de LE no contexto da escola inclusiva, e para o desenvolvimento de uma prática pedagógica voltada para as reais necessidades tanto dos professores quanto dos aprendizes de LE. Os resultados obtidos serão divulgados das seguintes formas: a) artigos publicados em revistas e periódicos; b) material didático-pedagógico para utilização em sala de aula; c) trabalhos apresentados em simpósios e congressos; d) trabalhos orientados.

RISCOS E DIFICULDADES

Dentre os possíveis riscos e dificuldades, prevê-se:

1. dificuldade de acesso aos possíveis sujeitos informantes da pesquisa;
2. pouca disponibilidade destes para contribuir de forma sistemática para a coleta das narrativas;
3. problemas técnicos com os instrumentos de coleta.

È importante notar que os pontos acima listados não se colocam como impedimentos para a realização desta pesquisa.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Março 2008: Identificação e seleção das escolas que integrarão o projeto: levantamento das escolas, envio de carta-convite para participação no projeto e solicitação de permissão para desenvolvimento da pesquisa na escola.

Abril 2010 - Julho 2010: Primeira Etapa de Coleta de Dados

Agosto 2010 -Dezembro -2010: Segunda Etapa de Coleta de Dados

Janeiro 2011 – Julho 2011: Primeira Fase de Análise de Dados

Agosto 2011 – Dezembro 2011: Segunda Fase da Análise de Dados

Janeiro 2012 – Dezembro 2012: Organização dos resultados em forma de artigos e publicações

Março 2013: Divulgação de resultados

REFERÊNCIAS

ALLWRIGHT, D. & BAILEY, K. Focus on the language classroom. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

BEEBE, L. (ed.) Issues in second language acquisition: multiple perspectives. New York: Newbury House, 1988.

ELLIS, R. e ROBERTS, C. 'Two approaches for investigating second language acquisition in context'. In: ELLIS, R. (ed.) Second Language Acquisition in Context. New York: Prentice Hall, 1987.

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis. In S. L. McKay & N. H. Hornberger (Eds.), Sociolinguistics and Language Teaching. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

FEUERSTEIN, R. KLEIN, P. & TANNENBAUM, A. Mediated learning experience: theoretical, psychological and learning implications. London: Freund, 1991.

GUMPERZ, J. 'The linguistic bases of communicative competence'. In: TANNEN, D. (ed.) *Analysing discourse: text and talk*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1981.

HOLLIDAY, A. *Appropriate methodology and social context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

JOHNSON, K. E. *Understanding communication in second language classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

JOHNSTONE, B. *Qualitative Methods in Sociolinguistics*. New York: Oxford. 2000.

LANTOLF, J. P. & APPEL, G. 'Theoretical framework: an introduction to Vygotskian perspectives on second language research' IN: LANTOLF, J. P. e APPEL, G. (eds.) *Vygotskian approaches to second language research*. Norwood, NJ: Ablex, 1-32, 1994.

NAIMAN, N.; FRÖHLICH, M. STERN, H. H. & TODESCO, A. *The good language learner*. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 1995.

SILVA, C. M. O.: *O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês): um desafio para professores e alunos*. Diisertação de Mestrado Defendida e Aprovada no Programa de Línguística Aplicada da UnB, 2005.

VAN LIER, L. *The classroom and the language learner*. London: Longman, 1988.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1978.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WILLIAMS, M. e BURDEN, R. *Psychology for language teachers: A social constructivist approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ZAHARLICK, A., & GREEN, J. *Ethnographic Research*. In J. Flood, J. Jensen, D. Lapp, & J. Squires (Eds.), *Handbook for research in teaching of the English language arts*. New York: Macmillan. 1991.